

CALÇADÃO: COMÉRCIO DE IDÉIAS, NARRATIVAS E SUBJETIVIDADES

Irapuã Alves Correia¹.

O calçadão, território citadino singularmente pensado e arquitetado para o desfrute da conversa fútil dos que passam, não necessariamente é uma grande calçada como o termo vem a sugerir. Diferentemente de uma pista de *Cooper*, - onde simplesmente se passa - o calçadão é na verdade uma praça, - pelo menos na modalidade que temos em Campina Grande, onde o mais tradicional, por sua localização e referência norteadora: o da Marquês do Herval, por sua vez delimitado ou quase espremido em meio às paralelas formadas pelo Edifício Rique e uma série de estabelecimentos comerciais do outro lado, e pelas ruas não menos tradicionais: Cardoso Vieira e Maciel Pinheiro; territórios que juntos formam o complexo central da urbe campinense nas circunvizinhanças da Praça da Bandeira – defronte dos Correios – da rua Presidente João Pessoa, da rua Sete de Setembro – onde se localiza o Banco do Brasil e ainda, nas proximidades do Colégio Alfredo Dantas, do Colégio das Damas e da Avenida Floriano Peixoto que corta a Cidade de Norte a Sul, comunicando as áreas mais periféricas ao centro da cidade.

Antes de ter sido um lugar, um campo estratégico planejado pela máquina escriturística que traça a cartografia da cidade, o calçadão da Marquês do Herval, foi uma “vereda” aberta em meio às ruas e avenidas pela pragmática dos passantes que vão às compras, às instituições, aos negócios, ao trabalho, ao ócio, além. Ali, onde se cruzam tantos interesses e estilos, forma-se uma “clareira” em meio à “selva de pedras” que aos poucos se transforma, não no território dos que passam, mas no território dos que se encontram e marcam encontros.

O olhar escriturístico das tecnologias de poder manifesto na mítica da palavra e da norma, avesso ao poder dos atos da iniciativa e marcas subjetivas dos passantes, rearticulam, inibem o produto das práticas táticas a fim de impor controle e evitar a abertura de novas “clareiras”, que escapem aos projetos urbanísticos, oficializando a já aberta com o investimento em infra-estrutura, buscando instaurar e naturalizar pelas estratégias

¹ Graduando em História pela UEPB

enunciativas e escriturísticas, um território, um significado no que o transforma assim, em um lugar certeuniano, destinado ao lazer e a funcionar como atração ao mundo comercial.

Mas quem pensa que o calçadão é uma demanda do lazer urbano engana-se em pensar que o interesse que move os passantes e praticantes daquele lugar seja a descontração ou entretenimento. Sem duvidar que seja esse um dos motivos, não hesitamos em afirmar, que para além de ser para uns uma feira, para outros, uma tribuna política, um púlpito religioso, um divã de psicanálise, um meretrício, um café filosófico, um palco de vida e de morte, uma fuga, uma busca, ele é sem dúvidas um teatro de mambembe – onde o show acontece num lugar que não é próprio, aberto na contingência pelo oportunismo no descuido do poder escriturístico - onde se encena as tensões, medos, aspirações, pretensões e esperanças da cidade, na diversidade que é “a cultura no plural” a manifestar-se em narrativas e subjetividades que fazem do calçadão um trânsito; um comércio de idéias no campo da oralidade, na vivência que nele se dá pela astúcia performatizante que usa e abusa dos lugares.

Encravado na cidade, o calçadão – o da Marquês do Herval - é o umbigo que veio por último; formou-se depois da cidade e é tão incalculável, tão imprevisível quanto as passadas que lhe dão significado. Território que foi resto dos projetos urbanísticos foi apropriado pelas táticas, rearticulado pelas estratégias e mais uma vez submetido pelos usos que faz do calçadão uma arena de confrontos e de tensão que se dá no tempo, no bote, no salto no reflexo e desarticula a ordem, num fluxo incessante de mudanças em busca de um equilíbrio.

Nele acontece a profusão imaginativa que dá azo a dinâmica do cotidiano que ferve e se agita em busca das realizações, da concretude dos sonhos, em uma sociedade desencantada com o progresso inacessível da robótica, da biotecnologia, das promessas das metas-narrativas e que por isso estabelece uma deflexão do vetor da felicidade para o lazer, mas que, porque também, quando o lazer é invivido, muitas vezes, surge o sonho, a ficção, a imaginação, na dependência do qual o desejo torna-se experiência na utopia, no mundo que se dá pela e na imaginação, desafiando como pensa Certeau a sociedade consubstanciada na consolidação da ciência, da técnica e do racionalismo que paradoxalmente, ao tempo que faz ruir as ideologias e a voz cosmológica, e a escrita mítica, vivencia o apogeu do poder imagético, para viver o impraticável. É assim que em nossa sociedade se dá a performática do discurso imagético.

O calçadão como espaço plural, estabelece os “nós de transito”, dos passantes em suas singularidades, como textos uns dos outros, viabilizando no comércio das narrativas e das visibilidades que comunicam tanto aos ouvidos como aos olhos subjetividades provocantes

que fazem deslizar o eu contingente, numa colonização do outro, numa dobra de si pelo outro do cotidiano para a utopia.

Considerando a imaginação como uma linguagem diz Certeau: “... *aquele que entra nessa linguagem é aquele que sai da vida cotidiana e que a existência não mais proporciona, seja pelo cansaço, seja porque não se ousa mais pensar numa mudança do possível.*” (CERTEAU, 1994, P.42).

Eis o calçadão, não como lugar de lazer, mas espaço que é quanto ao uso, uma coisa ou qualquer outra. Espaço cibernético, virtual, alimentado pelo que passa e pelos que passam com suas histórias e histórias, conquistas, aventuras, parolagens, delírios que escamoteiam desgraças, insucessos, traumas, derrotas, reprovações...

Ali, no calçadão, no calor da oralidade onde a imagem é uma linguagem, quem tem boca vive o que quer: O bêbado, o mendigo, o engraxate, o ambulante, o policial, o advogado, o lunático, a vitrine, o panfleto, a proposta, a loteria, a notícia, o escândalo, a sensualidade, o trânsito, o tráfico, o tráfego, o outdoor, a sedução, o estranho, o panfleto, o protesto, o ronco do motor, em fim; fios que tecem com mãos invisíveis a cartografia da cidade de sonhos, nos cotidianos vistos, entrevistados, não vividos, só narrados de uma vida que se pretende ser, ou seja: vai-se ao calçadão em busca de felicidade “... *que a existência não mais proporciona,...*” (idem)

Eis o cotidiano o que é senão a busca da felicidade até nos confins dos sonhos. Necessidade que se reatualiza. Ela que foi a seiva das ideologias, dos revolucionários, do discurso mítico, é agora mais do que nunca do ordinário. Se constituindo em ponto comum às estratégias e táticas.

Mas tanto quanto o calçadão é lugar certeuaniano que se dá à violência das astúcias que lhe multiplica as finalidades e lhe metaforiza os sentidos em dribles nos procedimentos estratégicos que pretendem a fixação dos sentidos e uma cidade rotina e familiar, numa peleja que faz a dinâmica dos dias, assim também é a pretensão do poder escriturístico em querer normatizar os atos e massificar o singular o que se dá no campo das carências, pois que em substituição da voz cosmológica, do livro sagrado, ou dos aparatos reais, surge o encanto das propostas comerciais instaurando a topografia do desejo no colorido dos anúncios, no prazer dos cheiros, na sensualidade dos corpos, no *status* das etiquetas, mas também, no desfile dos desvalidos, dos moribundos, da tristeza e da miséria. De uma forma ou de outra, isso se

constitui na azáfama do calçadão. No idioma do ordinário, onde esplendor e infortúnio é moeda corrente no comércio das idéias.

“colocados no jardim fechado do cartaz, os frutos da felicidade estão ao alcance da mão. Aproximam o fim escatológico. Soletram o imemorial ao fragmentar o sonho e reduzir sua distância. Mas, na realidade, à maneira das palavras, os objetos transportam sempre mais longe, para outros objetos o desejo que eles aliciam.” (Idem, p.45). Ora: assim como o texto não se limita a seqüência de caracteres na folha em branco, mas aponta para o alvo que a mensagem que veicular, e só se faz sentido dentro de um horizonte de sentido, de uma “*linguicidade*”, assim também com o cartaz acontece o mesmo. Ele não se basta fenomenologicamente. Diz mais do que aparentemente expressa. Remete a uma tópica de conceitos, um código hermenêutico, a um jogo ou jogos de linguagens. Assim, é que o enfermo remete à saúde, o sorriso à sedução, o idoso bem posto, à previdência, a falta ao ter, a imagem, a mímica à imaginação. Diz Certeau: *“O discurso do comércio continua a ligar os desejos às realidades, sem chegar a esposá-las.”* (Idem, p.46)

A revista pornográfica e suas musas, a automobilística e seus carrões, as de tour internacionais, mas também os programas utópicos dos programas de governo, ou mesmo os panfletos religiosos apregoando um mundo de deleite tanto quanto os sindicais contestando, são publicações típicas da cidade, dos centros urbanos. Os carros de propaganda, a notícia de boca-em-boca, que diz aos ouvidos as impressões de tudo o que é visto, cria também no ato de dizer outras imagens, às vezes mais convincentes. Todas são vozes que se entrecruzam no apelo, na reivindicação que é ludibriada pela imagem que oferta, que se oferece a todos, mas que não dá. Assim é que lá na propaganda, no panfleto, no cartaz, na imagem, *“Os objetos impõem uma utopia, que muito ao contrário de ser absorvida pelo consumo, metamorfoseia o vocabulário de troca, isto é, o comércio, em uma literatura imaginária.”* (Idem, p. 45).

Essa linguagem ficção como diz Michel de Certeau, (Idem, p.90), tem sua existência em seu próprio efeito que é a violência com que cria significado à capacidade imagética, cativando sonhos e desejos, esperanças e aspirações que nunca se realizam, mas que vicia na promessa do que está ao alcance dos olhos e dos ouvidos, mas longe da prática, no discurso falaz. Não se trata de um retorno à análise iluminista que em defesa de uma verdade, busca denunciar as conspirações alienantes e fraudulentas. Não se busca mais a verdade reveladora, mesmo porque a ilusão, o encantamento e buscado, como uma possibilidade de realização,

como um consolo a irrealização, como uma abertura nas estratégias, como a prática de um lugar, em um deslizamento para dentro de outro mundo.

Essa linguagem ficcional é também ordinária, no sentido em que há tanto pelo discurso cotidiano das táticas, quanto pelo discurso controlador e escriturístico das estratégias, uma utilização da ficção. Na ausência de um ser, de uma autoridade que responda por ela, essa linguagem, que tem “*sua lógica própria*” (Idem, p.90) é um campo narrativo, feito pelas marcas e cruzamentos de subjetividades. “*É o produto do sistema violento que apreendido sob sua forma cultural, desarticula a fala e a língua, coagindo uma a se calar e a outra a se proliferar indefinidamente.*” (Idem, p. 90).

Assim são os passantes pelo lugar controlado e limitado do calçadão, transpassados pelo discurso socioeconômico, pelas ofertas de paraísos anunciadas pelos “deuses” e “senhores da felicidade”, por sua vez joguetes do “*sistema violento*” (Idem) do qual fazem parte como inscrições da mesma violação da linguagem, do discurso destituído de sinceridade que universalizam, mas que também é recepcionado com violência. A violência que protesta que despreza e que distorce.

Essa voz múltipla que não garante que se respalda na “*literatura da defecção*” (Idem, p.88), literatura que abjura o que diz e que é desacreditada, que não é levada a sério e que funda o discurso moderno contemporâneo da sociedade de consumo, é o deslocamento produzido na tensão que é como diz Certeau, “*... a desmistificação do poder ao qual damos crédito desde o século das Luzes; ao analisar como se produz a não-significação daquilo que se diz, obtemos também um meio de encontrar aquilo que se deve fazer.*” (Idem, p.88). De forma que não obstante a profusão de propostas visuais que fazem do calçadão um lugar privilegiado dos aparatos de normatização, disseminando a proposta partidária, a vantagem comercial, a sedução, o prazer, na linguagem da ilusão, ainda assim, com todo o respaldo que a carência possa dar, a massa que se pretende não se faz, porque o singular se move astuciosamente combinando e recombinao os produtos ofertados, quando não, resistindo até o apogeu do grito e livremente elegendo ativamente a ilusão que quer ter, desmontando o poder aparentemente absoluto da máquina escriturística no comércio das idéias.

Dessa forma entendemos o calçadão como um lugar fora de controle, palco da imaginação onde o espectador é também o ator que faz ali seu espetáculo, versão singular ensaiada desde as periferias numa poética “*arte do mais fraco*” que se dá no improvisado por entre as estratégias até a morte que silencia o discurso escriturístico que de tudo pretende dá

conta – tola pretensão - porque mais de uma vez a fatalidade já entrou em cena saltando para o suicídio, como signo da rebeldia, da radicalização das táticas, mas não antes de se exhibir, de se dizer na mímica, para o bel prazer da proliferação das significações, porque todo ato é uma linguagem que estabelece um comércio no mundo humano de narrativas e subjetividades, mas a morte... Ah! a morte; que controle se pode ter sobre ela? Por toda parte, o poder colonizador; de sorte que só morto se esta livre, pois que vivente pode viver a morte.

BIBLIOGRAFIA:

CERTEAU, Michel de. A Cultura no Plural. Papirus, SP. 1995,

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer: Petrópolis, Vozes, 1994.

VEYNE, Paul. Como se Escreve a História e Foucault Revoluciona a História: Brasília, UNB. 1982.